

## 4

# O sentido da tatuagem no contemporâneo

### 4.1

#### A construção histórica da tatuagem

Percebemos no capítulo anterior, a partir da dualidade Natureza / Cultura, que o corpo é o lugar de predileção do discurso social. Através das relações com o *outro*, na prática da alteridade, o corpo atribui sentido. No presente capítulo, continuaremos a investigar esta questão, agora sob o viés da tatuagem. Para tanto, lançaremos um olhar em direção ao passado – especificamente o passado sobre a tatuagem no Brasil – para, em seguida, através da etnografia, ouvir algumas pessoas a respeito do que significa ser tatuado. Além disso, procuraremos compreender se a tatuagem é socializante ou individualizante, ao questionar estas mesmas pessoas acerca dos motivos que as levaram a se tatuar.

Uma forma de compreensão do sentido impresso pela tatuagem na sociedade contemporânea seria buscar a origem desta prática para depois relatar sua evolução e modificação até nossos dias. Porém, diferentemente de reproduzir a história da tatuagem, o que este capítulo propõe é um olhar sobre a vivência da história (o *fazer histórico*) e suas implicações no diálogo com o passado da tatuagem no Brasil. Criar sentido através da contextualização de uma narrativa histórica é auxiliar na compreensão de como a tatuagem de marcas de produtos também traduz sentido na atualidade.

Nossa principal fonte de pesquisa sobre história da tatuagem é o livro *O Brasil tatuado e outros mundos* (1997), do jornalista carioca Toni Marques, que divide seu relato em duas partes: o “Mundo” e o “Brasil”. Nas próximas páginas, faremos uma reflexão a respeito da narrativa histórica da tatuagem, utilizando como exemplo a primeira parte do livro de Marques (“Mundo”). Em seguida, ao conduzir nosso pensamento para uma abordagem crítica sobre a segunda parte (“Brasil”), trataremos dos discursos dos nossos informantes - para perceber que história, imaginário e estrutura estão intimamente ligados, provavelmente da mesma forma que tatuagem e socialização.

Para demonstrar que história e estrutura não se excluem mutuamente, Marshall Sahlins, em *Ilhas de história* (1990), analisou os impactos da chegada às ilhas havaianas, durante o século XVIII, de James Cook, capitão da Marinha Real inglesa. A experiência de Cook comprovou que o mundo não é obrigado a obedecer à lógica pela qual é concebido, e que a transformação de uma cultura é também um modo de sua reprodução. Por isso, uma análise da história pressupõe que os significados culturais se alteram a partir de novos valores funcionais dados às categorias, seja através de mudanças no mundo ou por atos de referência. Ao modificar as relações entre categorias, a estrutura acaba se transformando.

O autor sugere que história não deve ser confundida com mudança, como se a persistência da estrutura através do tempo não fosse histórica: “[...] a história havaiana certamente não é a única em demonstrar que a cultura funciona como uma *síntese* de estabilidade e mudança, de passado e presente” (SAHLINS, 1990, p. 180, grifo do autor). Ou seja, toda mudança prática é uma reprodução cultural. E toda reprodução da cultura é uma alteração. A argumentação de Sahlins sobre o *diálogo simbólico da história* (entre sentido cultural e referência prática) coloca em questão as oposições por meio das quais habitualmente compreendemos história e ordem cultural. Existe estrutura *na* história e *enquanto* história: “[...] como conceitos culturais são utilizados de forma ativa para engajar o mundo” (Ibid, p. 181).

Da mesma forma que Sahlins, Michel de Certeau (1982, p. 14-15) trata da noção de mudança dos conceitos culturais, ao demonstrar que a história moderna ocidental começa efetivamente com a diferenciação entre o presente e o passado, e com a separação da tradição. O autor admite que tal separação nunca aconteceu, mas propõe outra forma de corte: a separação entre discurso e corpo (social), organizando as relações entre Natureza e Cultura. A historiografia traduz a própria cultura ocidental moderna pela relação com o *outro*, fazendo falar o corpo que se cala através de uma inteligibilidade que se desloca, modificando aquilo que faz seu *outro* (o selvagem, o passado, o povo, o louco, a criança, o terceiro mundo – nos exemplos de Certeau). A história tomou o lugar dos mitos “primitivos”, a partir do momento em que a civilização ocidental deixou de ser religiosa e se definiu por uma práxis que envolve, igualmente, suas relações consigo mesma e com outras sociedades. “O relato dessa relação de exclusão e de atração [...] com o *outro* [...] permite à nossa sociedade contar-se, ela própria, graças à história”

(CERTEAU, 1982, p. 55, grifo do autor). Para nós, a confrontação entre um presente e a origem é explicada pela história. Seu discurso demonstra uma identidade social, não como ‘dada’ ou estável, mas enquanto diferente de uma época anterior ou de uma outra sociedade: “[...] a partir do momento em que o corpo se torna um quadro *legível* e, portanto, traduzível naquilo que se pode *escrever* num espaço de linguagem” (Ibid, p. 15, grifos do autor). Através de um desdobramento do corpo, pelo olhar, é possível traduzir o que dele é visto e o que dele é sabido.

A história se tornou nosso mito, através do qual “[...] uma sociedade representava as relações ambíguas com as suas origens e, através de uma história violenta dos começos, suas relações com ela mesma” (Ibid, p. 56). Enquanto mito do contemporâneo, a história é uma narrativa na terceira pessoa, pois “ninguém está lá para assumir o enunciado” (BARTHES apud CERTEAU, 1982, p. 56). Este discurso sobre o passado tem como característica ser o “discurso do morto” (CERTEAU, 1982). O objeto que nele circula é o ausente, ao mesmo tempo em que seu sentido é um diálogo entre presentes (narrador – leitor):

A coisa comunicada opera a comunicação de um grupo com ele mesmo pelo *remetimento ao terceiro ausente* que é o seu passado. O morto é a figura objetiva de uma troca entre vivos. Ele é o *enunciado* do discurso que o transporta como um objeto, mas em função de uma interlocução remetida para fora do discurso, no *não-dito* (Ibid, p. 56, grifos do autor).

Manifestando a morte como condição do seu discurso, este mito cria vestígios de realidades ‘históricas’ – ausentes – como forma presente da origem. O sentido do fazer histórico não pode ser apreendido como um conhecimento particular extraído do real. A relação com o real mudou: o ‘fato histórico’ resulta na própria afirmação de sentido. A história não renuncia à realidade, mas se traduz num discurso de ‘fatos’: “[...] uma *série indefinida de ‘sentidos históricos’*” (CERTEAU, 1982, p. 45, grifos do autor).

Para encontrar o vivido – ou seja, restaurar o esquecido e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram – a história se constitui em um *relato*. Em cada história existe um processo de significação que visa sempre ‘preencher’ seu sentido: “O *significado* do discurso historiográfico são estruturas ideológicas ou imaginárias” (Ibid, p. 52, grifo do autor). A história é criação, não de forma indeterminada, mas como posição de novas determinações de existência

social e individual através da alteridade “[...] que não podem ser produzidas a partir daquilo que está aí, nem deduzidas a partir do que aí estava” (CASTORIADIS, 1992, p. 88). Por não ser uma determinação única ou previsível a história é *imaginário social*, um produto da “[...] capacidade criadora do anônimo coletivo que se põe em funcionamento cada vez que os humanos se reúnem e são, cada vez, uma figura singular instituída para existir” (Ibid, p. 92).

É a partir da criação, fruto do imaginário social, que vamos demonstrar a construção da história da tatuagem. Nossa fonte não é um historiador, mas um jornalista, cuja narração parte do geral e do antigo para o particular e presente. Toni Marques trabalha sobre um material para transformá-lo em história manipulando os fatos segundo determinadas regras. É uma bricolagem com o objetivo de narrar um mito – bastante semelhante ao trabalho do publicitário (abordado no capítulo 2) – onde o jornalista transporta informações de uma região da cultura (“curiosidades”, relatos, livros, entrevistas, entre outros) para outra (a história):

[...] tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. [...] O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. [...] Instauradora de signos, [...] esta ruptura não é [...] o efeito de um ‘olhar’. É necessário aí uma operação técnica (CERTEAU, 1982, p. 81, grifos do autor).

Operação técnica, a bricolagem se faz presente durante todo o livro de Toni Marques, ao compor um relato que indica caminhos e momentos de uma “história universal da tatuagem”, conforme denuncia a “orelha” da capa da edição: “[...] este livro repassa boa parte dos registros mais conhecidos da tatuagem e das escarificações mundo afora, com a ajuda da arqueologia, da antropologia, da literatura e da própria história” (MARQUES, 1997). No lugar de fazer história, o trabalho deste jornalista trata do *fazer mitológico da história da tatuagem* e procura estabelecer um início – o “ponto zero”, uma origem, que justifique sua narrativa. Momento fundamental para o discurso histórico, segundo Certeau:

A colocação do relato veicula, por toda parte, uma relação tácita com algo que não pode ter lugar na história – um não-lugar fundador –, sem o qual, entretanto, não haveria historiografia. A escrita dispersa, na encenação cronológica, a referência de todo o relato a um não-dito que é o seu postulado (CERTEAU, 1982, p. 98).

Desta forma, Marques explica uma “Pré-história ilustrada” da tatuagem, criando um ‘não-lugar’ e o colocando como objeto de busca de historiadores e arqueólogos – mas não dele, jornalista:

As respostas iniciais estão com os arqueólogos e historiadores. Das duas, uma: a tatuagem nasceu uma única vez e se espalhou pelo mundo ou nasceu mais de uma vez, filha de muitos pais, em todos os continentes. [...] Em outras palavras, ela foi inventada várias vezes, em diferentes momentos e partes da Terra, em todos os continentes, com maior ou menor variação de propósitos, técnicas e resultados (MARQUES, 1997, p. 13).

Este não-lugar se transformou no interstício entre a prática e a escrita: um “nada inicial” que esboça o retorno de um passado estranho. Continua o autor, afirmando que, segundo “estudiosos”<sup>24</sup>, a origem da tatuagem está no mesmo caminho da “fundação” da Cultura: “O pensamento nasceu da consciência de que o corpo era insuficiente e a natureza precisava ser domada. O homem precisou inventar imagens dentro da cabeça e fora dela – no corpo e na natureza” (Ibid, p. 14). Nesta busca pela origem da tatuagem, seu relato cita evidências de modificação corporal “voluntária”<sup>25</sup> até na época do Homem de Neandertal, passando pela civilização egípcia, em cujos sítios arqueológicos foram encontrados “[...] instrumentos de tatuagem, hoje expostos no museu Gizé – além de múmias tatuadas, estas, sim, provas inegáveis” (MARQUES, 1997, p. 15).

As múmias – na narrativa de Marques – seriam a peça inicial de uma história da tatuagem: as mais antigas “provas” da prática de marcar permanentemente a pele, a referência que justifica sua existência nos dias de hoje. Os corpos mumificados, representantes do desejo do ser humano em “viver” após a morte, representam o “ponto zero” da tatuagem:

Um corpo congelado foi encontrado por turistas em solo italiano, na fronteira com a Áustria, em 1991, e as medições arqueológicas indicam que data de 5300 a.C., isto é, do Neolítico. O Homem do Gelo tem linhas paralelas ao longo da região lombar da coluna, uma cruz abaixo do joelho esquerdo, e faixas no tornozelo direito. São tatuagens. [...] O corpo mais antigo do Mundo, achado intacto, é tatuado; viva o Homem do Gelo! (Ibid, p. 16).

<sup>24</sup> Marques não explica a quem se refere quando diz ‘estudiosos’.

<sup>25</sup> Como garantir que a modificação foi “voluntária”? Eis um exemplo de como a história é parte do imaginário social.

Tendo estabelecido este “começo” imaginário, o jornalista prossegue seu relato contando uma história da tatuagem que perpassa as mais diferentes culturas em quase todos os continentes durante os últimos quatro mil anos:

Enquanto a civilização cristã não se decidia quanto ao destino da tatuagem, sua extinção ou não no Velho Continente, o mundo primitivo continuava a repetir desenhos à tinta e em alto-relevo na pele de suas tribos e nações (Ibid, p. 37).

O jornalista destaca a “descoberta” da prática pelo “homem civilizado”, há pouco mais de duzentos anos. Em 1769, o capitão James Cook chegou às ilhas do Taiti e registrou em seu diário, pela primeira vez, o termo em inglês que representa a tatuagem:

Cook é o pai da palavra inglesa *tattoo*. É o que se lê no diário da primeira viagem aos Mares do Sul: ‘*Ambos os sexos pintam seus corpos. Tattow, como chamam em sua língua. Isto é feito pela incrustação da cor preta sob suas peles, de um modo indelével*’ (Ibid, p. 41, grifos do autor).

Através deste evento, o passado é diferenciado do presente, inaugurando a história moderna da tatuagem. Devido a Cook, a prática “tribal” passou a ser conhecida pela “civilização”, gerando sua própria iconografia:

*A conversão dos europeus é o início do modernismo na tatuagem mundial, com a entrada dos temas brancos. Antes de 1800, já se viam motivos europeus tatuados na pele de marinheiros. A duquesa Amália de Weimar, em viagem à Itália, viu em Portici as armas da Inglaterra, um crucifixo, uma hóstia e um personagem da commedia dell’arte nos braços e nas pernas de um marinheiro italiano. (MARQUES, 1997, p. 42-43, grifos nossos).*

A narração continua, tratando dos temas “brancos” da tatuagem e da sua “evolução” na sociedade industrial, o que causou o etnocídio<sup>26</sup> das culturas tribais:

[...] a Europa e os Estados Unidos desmantelaram culturas tatuadas e, no último quarto do século XX, passaram a lhes vender tatuagem ocidental. As ambigüidades do homem branco: fascínio e perseguição. Tatuagens tribais mesmo, sobraram poucas, pouquíssimas, na medida em que sobraram pouquíssimas regiões que maquinalmente repetem o passado, desde que o mundo é mundo. [...] Os jovens e ocidentalizados nativos dessas regiões são os herdeiros dos ancestrais. *Se o significado original se perdeu, juntamente com as tradições, o ato de um polinésio*

---

<sup>26</sup> Everardo Rocha (1995b) trata deste etnocídio como fundamental para o posterior surgimento da “sociedade dentro da Indústria Cultural” – abordada no capítulo 2.

*ou melanésio se tatuar, hoje, os tornam museus vivos de seus povos. O jovem de hoje tem carteira assinada – deixou de ser guerreiro ou sacerdote. Mas sua pele tem o poder de fazer seus mortos falarem* (Ibid, p. 48, grifos nossos).

“Fazer os mortos falarem” é a operação que Marques traduz em seu relato – transformado em mito – ao presentificar uma situação vivida: “[...] o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de *dar lugar a um futuro*” (CERTEAU, 1982, p. 93, grifos do autor). O próprio tema se constitui numa representação do discurso do distanciamento com objetivo de abrir um lugar para o futuro, conforme explica outra passagem da “orelha” da capa do livro: “A tatuagem é antiga como a humanidade. Nasceu na pré-história, conquistou os cinco continentes, foi perseguida, virou moda, entrou na Internet” (MARQUES, 1997). É através de uma narrativa mitológica que Marques conta a “história mundial da tatuagem” e prossegue seu relato especificamente sobre o Brasil.

## **4.2 A tatuagem no Brasil: mito e história**

A recriação de um passado com finalidade de atender a uma necessidade do presente – no caso a necessidade de afirmar a tatuagem como também tendo origem no Brasil “primitivo” – é tocante na abordagem de Toni Marques a respeito da história da tatuagem em nosso país: “[...] a história da tatuagem dos índios brasileiros dá voltas no tempo e no espaço” (MARQUES, 1997, p. 121). Podemos levantar algumas questões a respeito da construção desta narrativa: como abordar a tatuagem em nosso país? O que representa a sua origem? Mesmo necessitando do “ponto zero” da tatuagem no Brasil, ao longo do texto, não conseguimos distinguir se o autor o estabelece na manifestação indígena nativa, na chegada de escravos africanos ou através do “nascimento” da profissão (uma prática urbana) ao final da Segunda Guerra mundial. Será que a “origem” remonta a incisão de extratos vegetais e minerais na pele com espinhos (ou outros objetos naturais) realizada pelos índios e escravos, ou a chegada da máquina elétrica de tatuagem no porto de Santos, durante o século XX?

Se “[...] a carta de Pero Vaz de Caminha indica que a frota do português Pedro Álvares Cabral [...] pode não ter visto tatuagem nem escarificação. Índios pintados, as tripulações viram aos montes” (Ibid, p. 122). Desta forma, o autor remete pintura corporal – temporária – ao mesmo patamar da tatuagem –

permanente. O que seria tatuagem então? Uma prática também originária dos povos que habitavam as terras do atual Brasil ou algo trazido por europeus no século XX? É fato que os índios se tatuavam, como demonstram relatos de expedições citadas pelo autor. Porém o trabalho de construção de uma “história brasileira” pelo autor se dá pela bricolagem, unindo diversas fontes de pesquisa.

No terceiro capítulo desta segunda parte do livro, Marques reconhece que a “tatuagem branca” apareceu por estas terras em algum momento do século XIX, por meio marítimo – com os marinheiros. “Tatuagem branca” é, então, o ponto de origem da nossa tatuagem? Assim como já vimos no princípio deste capítulo, o que aconteceu com os europeus para haver o “início do modernismo” na tatuagem mundial, deveria acontecer também conosco? Segundo o autor, para narrar esta história seria necessário consultar documentação “[...] portuária, policial, médica e jornalística, e com alguma sorte até material visual – fotos e charges – [...] [e] descobrir o rumo da tatuagem naquele tempo” (MARQUES, 1997, p. 139).

Interessante a referência de Marques sobre a questão do silêncio – discurso sobre o morto – ao explicar que seria necessário compreender a burocracia daquela época para se localizar documentos e testemunhos a respeito da tatuagem. Pois, de forma contrária, “[...] procura-se a esmo e só se encontra silêncio. Se bem que, em história, o silêncio pode ter muita utilidade” (Ibid, p. 140). Mais uma vez a morte – e o silêncio que ela traz – constitui a condição para o discurso sobre a história existir. Se história é uma criação do *imaginário social* e tem como característica uma narração, neste caso percebemos o relato do autor baseado em poucos fatos e em muita criação, como é o próprio mito:

Imaginemos o furor causado por um marujo britânico, querendo aparecer, tatuagem no braço ou no antebraço à mostra. Um nó na cabeça da autoridade portuária – que diabo é isso? [...] A gente trabalhadora do porto olhando meio atravessada, talvez um pense nas cicatrizes dos negros ou dos índios, talvez outros, invejosos, fiquem maravilhados. O tatuado [...], se desimpedido de circular, cai nas mulheres da vida [...], uma das nossas percebe a jogada erótica da coisa e pergunta como é que faz. Aí ou ele faz nela, com agulha de costura e linha e nanquim, ou ensina a fazer nele (MARQUES, loc. cit.).

Marques reconhece que esta cena seria romântica demais para ter acontecido, afinal os marinheiros utilizavam uniformes que deixavam à mostra apenas mão, pescoço e cabeça. Mesmo que a tatuagem só fosse mostrada – em situações públicas – através de ocorrências jornalísticas, médicas ou policiais,

Marques continua a pedir a seu leitor que imagine que a propaganda era feita na surdina, no corpo-a-corpo:

O fascínio deve ter se deslocado mais ou menos nos seguintes percursos: do marinheiro estrangeiro para a prostituta, e da prostituta para o freguês brasileiro; do marinheiro estrangeiro que se mete em confusão e vai preso para os brasileiros colegas de cadeia. Um terceiro percurso pode ter sido o dos imigrantes europeus, não intermediado pela cama, de homem para homem (MARQUES, 1997, p. 140-141).

Mas a falta de documentos deixa uma lacuna nesta história da tatuagem no Brasil, impedindo de relatar o acontecido no século XIX:

Quando e como a coisa pegou na Marinha mercante e de guerra? Quanto tempo a tatuagem precisou para enfeitiçar os marinheiros a serviço do Império? Qual foi o caminho? Perguntas obrigatórias. Em lugar de respostas, mais perguntas. Existem documentos? Onde estão? [...] Uma primeira leitura de texto de higiene naval e de medicina naval, dos séculos XIX e XX, faz crer que a tatuagem jamais foi questão de saúde, dentro e fora dos navios. [...] Restam sabe-se lá quanto diários de bordo, processos de seleção e de expulsão, boletins, relatórios, diagnósticos a serem lidos. O assunto aparece em 1908, mas aí já entramos no século XX (MARQUES, 1997, p. 141-142).

Outro exemplo de criação do imaginário é aplicado pela necessidade de falar sobre os aristocratas brasileiros e a tatuagem:

Sabemos que o brasileiro pobre do fim do Império e das primeiras décadas da República adotou a tatuagem por influência dos marinheiros estrangeiros e dos imigrantes, sobretudo italianos [...]. E como saber se [...] o brasileiro abastado – o fazendeiro, o financista, o empresário, o alto burocrata, o herdeiro – teria se tatuado na Europa ou nos Estados Unidos? Sob um terno de tecido e corte ingleses [...] pode ter havido tatuagem [...]? Teria algum membro da família imperial se tatuado? (Ibid, p. 157-158).

Pela cronologia, chegamos ao século XX e ao recorte no período da tatuagem “moderna”. Embora não explique o termo de forma clara, Marques estabelece um início do modernismo com a máquina elétrica de tatuar (inventada nos Estados Unidos) e com o desenvolvimento de um comércio naquele país:

A tatuagem americana virou comércio na costa leste, exibiu-se em circos e, no fim do século, foi revolucionada pela eletricidade. A máquina elétrica de tatuar foi patenteada em 1891, em Nova York, pelo irlandês Samuel O’Reilly, [...] num cenário onde a tatuagem estava estabelecida como negócio, em geral nas mãos de ex-marinheiros convertidos em tatuadores (Ibid, p. 58-59).

Porém o Brasil parece não carregar registros que sirvam de relatos para a construção de uma história sobre a primeira pessoa que trouxe este tipo de máquina para o país. Pelo imaginário social presente no mito da história da tatuagem lembramos que o autor busca encontrar o vivido, exumado devido a um conhecimento do passado:

Num táxi de uma cidade litorânea, meados dos anos 90, o motorista [...] tem uma tosca sereia no braço; tosca para o observador indiferente, porque *o curioso e o comprometido, em cada tatuagem, entrevê uma narrativa inteira e uma lasca da História da Tatuagem no Brasil*. O traço grosso, as cores econômicas e o tema podem deduzir procedência portuária: Santos... Lucky! Sim e não. Sim, porque de fato a sereia foi feita em Santos. Não, porque não é de autoria do Mr. Tattoo, nome pelo qual Lucky ficou conhecido antes dos anos 70. O autor da sereia do taxista era um grego de um navio grego [...]. Esse grego representa a espécie de nômades de cais de porto. *Como o grego, muitos vieram e se foram. O dinamarquês Lucky veio e ficou. Ficar fez a diferença*. Ficar de 1959 a 1983 fez toda a diferença (MARQUES, 1997, p. 173-175, grifos nossos).

O dinamarquês Lucky – cujo nome completo era Knud Harald Lykke Gregersen – se transformou no personagem principal deste mito da origem da tatuagem “moderna” brasileira. E como todo personagem mitológico que se preza, Lucky é traduzido em grandiosos números e feitos, como as quarenta e cinco mil pessoas que tatuou em trinta anos de carreira (destes, vinte e quatro anos passados no Brasil):

Imaginem o sucesso que esse homem não fez! Um dinamarquês tatuador, em plenos anos 60, a colorir a vida do povo do porto do estado que não pode parar. Adotado pelo cais, viveu a vida do povo – viveu as milhares de vidas de seus milhares de clientes. [...] Dentro de um quartinho sem janela, as paredes tomadas pelos desenhos e quadros, apenas duas cadeiras e uma bancada abarrotada de tintas, Lucky compôs em duas décadas um mosaico fragmentado e carnal do Brasil. A colagem imaginária de todos os seus trabalhos teria a cara de seu país adotivo – sem deixar de ser um retrato universal dos tatuados (MARQUES, 1997, p. 178-179).

Esta atração com o *outro* – o “mosaico carnal” – traduz a necessidade do discurso de Marques em encontrar o vivido pelo relato, já que esta história não conseguiu unir todos os “restos” em um único sistema:

O tempo foi trazendo novos clientes. Pequenos e grandes comerciantes, senhoras de família, artistas e intelectuais passaram a ter em comum com marginais,

marinheiros e prostitutas o decorador de seus respectivos corpos. Que senhoras de família? Que artistas? Que intelectuais? Que comerciantes? [...] Falta descobrir a procedência desses clientes que não eram nem *underground* nem juventude dourada, antes dos anos 70 (MARQUES, 1997, p. 180).

Na impossibilidade de incluir estes personagens na mitologia da tatuagem brasileira, o autor estabelece que a tatuagem toma conta da classe média carioca – e depois de todo o país – nos anos 1970, com os jovens da Zona Sul do Rio de Janeiro. Narrando em terceira pessoa, tratando o passado como lugar de saber sem ressuscitá-lo, temos a criação da atmosfera imaginária da praia, povoada com o fazer mitológico da história da tatuagem:

Naquele tempo, todos os banhistas de cada posto da praia conheciam o salva-vidas pelo nome. [...] O vendedor de mate cantava samba, dos outros e de autoria própria, e nos intervalos da cantoria dava a hora certa. Era tudo muito familiar, dia após dia a mesma coisa. De repente apareceu um rapaz tatuado – e não era tatuagem de chiclete, porque a criança esfregou areia, jogou água e conferiu: era tatuagem de verdade. [...] E cada vez mais gente olhando. [...] Reprovação e desprezo. Um ou outro com cara de quem gostou. Mas uma boa parte você não sabia que cara estava fazendo, nem eles sabiam (MARQUES, 1997, p. 184).

E continua, construindo uma “história da tatuagem urbana” a partir do seu imaginário: através do tatuado da praia um jovem da classe média carioca procurou saber sobre o autor da tatuagem. Assim, “[...] na primeira oportunidade, entra no ônibus, encara horas e horas de estrada ruim, salta em Santos, se tatua e volta para o Rio – sem comer” (Ibid, p. 185). Entre os surfistas da Zona Sul do Rio – jovens diferentes – um se destacou por ser o mais diferente: José Artur Machado, ou simplesmente Petit. Não demorou para que outros surfistas fizessem o mesmo e, assim, a moda se espalhou pelas Dunas do Barato<sup>27</sup>: “Independente das razões de cada tatuado, ela foi a moda certa, na hora certa, no lugar certo” (Ibid, p. 187).

O fato de os surfistas cariocas terem “descoberto” a tatuagem antes restrita aos marinheiros e outros representantes marginalizados faz com que Marques aproxime o Rio de Janeiro de 1970 com o Havaí do final do século XVIII:

---

<sup>27</sup> Na década de 1970, a construção do emissário submarino em Ipanema provocou a instalação de um píer de metal na praia, em frente à rua Farne de Amoedo. As obras retiraram areia do fundo do mar e a jogaram na praia, formando enormes dunas, batizadas de Dunas da Gal ou Dunas do Barato, denunciando os hábitos dos jovens frequentadores – hippies, surfistas e artistas como o poeta Carlos Chacal: “O Píer foi a primeira praia transgressora do País, onde instituímos a maconha” (MEIRELES, 1998).

O movimento carioca foi original na medida em que os surfistas modernos desconheciam o fato de, cem anos antes, reis havaianos se tatuarem e surfarem. Petit e os surfistas cariocas não se inspiraram em seus colegas estrangeiros (Ibid, p. 185-186).

A história da tatuagem de Marques é um mito, operado através do tempo totêmico:

[James] Cook é também o descobridor do surfe. *Tatuagem e surfe, portanto, se encontraram duas vezes na história*: nas praias do antigo Havaí – as Ilhas Sandwich do capitão Cook – e nas praias da Zona Sul do Rio de Janeiro e de todo o Brasil, a partir da década de 70 (MARQUES, 1997, p. 41, grifos nossos).

Porém trata-se de um tempo que é narrado pela ordem cronológica: “[...] chega um momento em que a história da tatuagem passa a ser a soma de adolescentes e de jovens de vinte e poucos anos, tentados a passar para o outro lado da agulha” (Ibid, p. 190). Em sua série indefinida de discursos, onde “[...] cada um tem uma história para contar” (MARQUES, loc. cit.), Marques mostra os jovens que queriam se tornar tatuadores no meio da década de 1970. O mito histórico de Lucky não poderia ajudar de forma concreta: “Ir a Santos e tentar arrancar uma centelha da magia de Lucky era jogar tempo e dinheiro fora, ele não estava aqui para formar concorrência, e carisma é coisa que não se transmite” (MARQUES, 1997, p. 190). Cada jovem tomou como inspiração parentes, livros, filmes, amigos que possuíam ou conheciam tatuagem. Existe uma série indefinida de discursos sobre esta história: “[...] não são poucos os personagens e as situações em que esses personagens descobriram a tatuagem, ao vivo ou por meio de referências” (Ibid, p. 191).

Como a maioria dos tatuadores citados por Marques neste momento do livro ainda está viva, desempenhando seus ofícios de marcar a pele das pessoas, o autor demonstra que encontrar o vivido pelo relato seria a melhor forma de “fazer justiça” histórica:

É impossível descobrir e relatar todos os casos de amor à primeira vista e assim fazer justiça nesta nossa história. O que se pode dizer é que, tanto no Rio quanto em São Paulo, durante os anos 70, uma rapaziada se meteu a fazer tatuagem. Os artistas mais antigos são aqueles que estão com mais ou menos vinte anos de profissão, considerando o período caseiro, de tatuagem feita no quarto [...], ou

ainda na praia, na montanha, ou em qualquer lugar em que houvesse juventude reunida (MARQUES, loc. cit.).

Esta juventude (surfistas, *bad boys*, *punks*, capoeiristas, músicos, entre outros) era tatuada com tinta nanquim, linha e agulha de costura por estes tatuadores igualmente jovens. Se muitos não tinham dinheiro para pagar por um trabalho de Lucky, em Santos, a solução era apelar para o trabalho amador de amigos ou conhecidos. Máquinas elétricas eram raridade e custavam muito caro, pois eram fabricadas nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Quando alguém as conseguia, logo tratava de desmontar para procurar reproduzir seu mecanismo através do “jeitinho brasileiro”: “Gravadores, vitrolas, aparelhos de barbear e aceleradores de autorama foram sacrificados em nome da arte. [...] As ponteiras eram feitas de caneta Bic. Houve quem usasse agulha de seringa hipodérmica” (MARQUES, 1997, p. 192-193). Evento histórico importante – contrariando até a estrutura simbólica que a tatuagem carregava na época, segundo Marques – foi o trabalho de Mr. Rudy:

Em uma cidade no interior de São Paulo apareceu um sujeito que não era garotão, bandido ou marinheiro, nem nenhum clichê de tatuado na época. Um funcionário público que, quando largava o serviço, atendia pelo nome de Mr. Rudy. De Rio Claro, cidade a 179 km de São Paulo, (...) passou a despachar máquinas artesanais. Seria de se esperar que um fabricante saísse das areias da Zona Sul do Rio ou do asfalto de São Paulo. Só que a tatuagem é um negócio sem fronteiras (Ibid, p. 193).

Se o significado da máquina de tatuar mudou a partir de novos valores, a cultura da tatuagem também se modificou na década de 1980. Reafirmando o espaço pela diferença, para dar lugar ao futuro, Marques trata a “década perdida” como próspera para a juventude dourada, que fundou ou rendeu novos mercados:

[...] a tatuagem se beneficiou disso, porque aquela era a hora certa. [...] Criaram-se novos canais de expressão, sob medida; *novas maneiras de um certo tipo de jovem lidar com o corpo e o pensamento*. Isso não veio do nada. Veio depois de vinte anos de regime militar, quando a liberdade era feita de sangue ou de [...] ‘uma calça velha, azul e desbotada’; *a liberdade era consumo e alienação*. Nos anos 80, liberdade foi trabalhar nesses novos mercados. E fazer tatuagem (MARQUES, 1997, p. 196-197, grifos nossos).

A primeira loja “moderna” de tatuagem – nos moldes das americanas e européias – só apareceu no Rio de Janeiro em 1980 no bairro de Ipanema.

Novamente o autor demonstra que os significados mudaram a partir de novos valores dados à cultura:

A loja serviu para apagar a imagem de submundo que cercava a tatuagem. Bem localizada e bem decorada [...], atraiu não só a juventude dourada, como também profissionais liberais, executivos, senhores de idade – todo o tipo de gente capaz de pagar por um trabalho bem feito (Ibid, p. 197).

Será que a “imagem de submundo” foi realmente apagada apenas pela introdução das lojas de tatuagem bem cuidadas, com alvará de funcionamento, inspeção pela Vigilância Sanitária e ambiente *clean*? A tatuagem invadiu as mais diferentes classes sociais por si própria ou através de alguma ajuda “exterior”? Nesta mesma época a tatuagem iniciou seu caminho na “Indústria Cultural” brasileira, através da telenovela e da música. Mas como estas estratégias se deram? A mídia realmente influenciou a popularização da tatuagem? Estas são questões muito relevantes em nosso estudo, mas que só poderão ser respondidas após compreendermos o papel contemporâneo da tatuagem.

#### **4.3** **Discursos nativos e significação contemporânea**

Mais do que propor uma continuidade histórica dos anos 1980 até os dias de hoje, tendo em vista tudo que já dissemos a respeito do fazer historiográfico da tatuagem, vamos tratar da *questão da imagem* da tatuagem na contemporaneidade. Não poderemos analisar – no próximo capítulo – as relações entre comunicação, consumo e tatuagem, sem antes entender qual é o seu papel em nossa sociedade. Como as pessoas se relacionam com o fato da tatuagem ser permanente? Qual a importância da dor no processo de se tatuar? Como os tatuadores compreendem seu trabalho? A sociedade lê a tatuagem como algo corriqueiro? Estas são algumas das questões que precisam tomadas como base para uma reflexão sobre o papel da tatuagem. Socializar ou individualizar? Os discursos dos informantes, obtidos através de uma prática etnográfica, podem sugerir respostas interessantes. Iniciaremos interrogando-os a respeito de como conheceram a tatuagem.

Possivelmente devido à explosão midiática da tatuagem a partir do início da década de 1980<sup>28</sup>, os informantes traduzem seu primeiro contato com a tatuagem como algo corriqueiro – “Fiz minha primeira tatuagem com 18 anos. Meus amigos tinham. Na época morava em Miguel Pereira. Todo mundo queria fazer e lá era muito mais barato do que no Rio” (Informante 2). Uma relação de descoberta que também pode ter vindo da família:

Minha mãe, que não é uma senhora, fez uma tatuagem quando eu era adolescente. Ela tinha uns 30 anos, fez uma tatuagem e eu achei legal. Olhei a tatuagem e fiquei com vontade de fazer. Com 18 anos fiz minha primeira, uma estrela na barriga (Inf. 7).<sup>29</sup>

Meu irmão tinha uma tatuagem, era 5 ou 6 anos mais velho do que eu. Ai gostei e fiz uma, fiz outra, e outra, e outra... Comecei a tatuar um ano depois que comecei a ser tatuado, em 1990, e fui me profissionalizar em 1996. É pela família que as pessoas perdem o preconceito, na hora que a tatuagem chega na casa delas. ‘Joaquim continua um bom menino’ e fez um monte de *tattoo*. Minha família só começou a ligar quando viram que eu tinha muitas e quando terminei a faculdade e fui tatuar. Meu pai achou estranho, mas eu prefiro tatuar do que dar aula, por exemplo (Inf. 9).

Já outro nos mostra que a música teve um papel importante como iniciadora da tatuagem em sua vida:

É uma relação interessante, desde muito cedo tinha vontade de ter tatuagem. Tenho 35 anos agora e desde os 12 anos tenho banda. Talvez tenha sido através do rock que tenha tido vontade pela primeira vez na minha vida. Mas demorei uns 20 anos para fazer tatuagem porque achava que iria enjoar do desenho, por ser uma coisa definitiva (Inf. 5).

Se a tatuagem apareceu cedo na vida dos informantes, a grande maioria aguardou até a maioridade legal para fazer. Não por medo da família, mas por medo pessoal de se cansar do desenho tatuado:

Me tatuei depois dos 18 anos, mas antes já tinha vontade. Moro na casa dos meus pais, eles são evangélicos. Mas mesmo assim, depois dos 18 anos eu escondi minhas tatuagens dos meus pais por mais dois anos. Teria feito antes, mas graças a Deus eles me seguraram porque tinha vontade de tatuar coisas que iria me arrepender agora (Inf. 6).

---

<sup>28</sup> Abordaremos a relação entre tatuagem e mídia no capítulo 5.

<sup>29</sup> “Inf.” é a abreviação de “Informante” neste discurso e nos seguintes, inclusive os do capítulo 5.

Esse medo existe. Conversando com outras pessoas ouvi questões assim: ‘não vou fazer porque vou enjoar, depois não tenho como corrigir’, etc. Tem outras pessoas que enjoam do desenho e fizeram outro por cima. Acho normal, não acho impossível você enjoar de uma tatuagem. Tive muito critério para escolher os meus desenhos. Fiz e estou muito satisfeito com isso (Inf. 5).

Seria a tatuagem uma prática pensada, realizada apenas por quem tem certeza do que quer desenhar no corpo? Parece que alguns concordam e procuram sempre obter esta certeza, este sentido, ao se tatuarem. Porém não são todas as pessoas que pensam desta forma:

Cheguei decidido para fazer todas, quero isso. Foram escolhidas, não foi ‘fazer por fazer’. Tem gente que faz porque é uma tendência, para ser considerado alternativo, etc. Pessoas que se espelham nas outras. Tenho um amigo que comprava as mesmas roupas que eu. Como tatuagem não é coisa de drogado, de bandido, as pessoas não tão nem aí. Não fiz para ficar legal, teve um porquê. Se você faz para ficar legal, daqui a dois anos pode se arrepender. Tem gente que se arrepende, cobre depois o que fez. Fica estranho porque se você faz uma tatuagem que não gosta, tem que cobrir com uma maior. Não quero cobrir nenhuma minha, não tenho vontade (Inf. 2).

Hoje em dia a tatuagem é uma coisa comum. As pessoas fazem como se estivessem indo ao dentista ou cortar o cabelo. Fazem de uma forma indiscriminada, despreocupadamente. Quando fiz minha primeira tatuagem, lembro que aguardava minha vez no estúdio e um rapaz entrou dizendo: ‘quero fazer uma tatuagem agora!’. Ele estava sóbrio e a recepcionista se impressionou com aquela decisão do rapaz: ‘Que tipo de tatuagem?’. ‘Qualquer tatuagem! Quero assim... talvez um viking, um dragão ou talvez alguma coisa japonesa...’. Ele não tinha idéia do que queria, só queria uma tatuagem (Inf. 5).

Tem gente que você percebe pelo jeito de falar. Não sabe o que quer, não sabe aonde tatuar. Pega um desenho de uma tatuagem da Luana Piovani e diz: ‘era isso que eu queria ter minha vida inteira’. Não é nada! Se fosse a tatuagem que você sempre quis, não precisava trazer a foto da Luana Piovani. Era só descrever para o tatuador o desenho (Inf. 9).

Tatuagem deveria ser levada a sério, é uma coisa para sempre. As pessoas não deveriam fazer por fazer. Não fiz a minha primeira tatuagem por fazer, fiz porque achei bonita a da minha mãe. A segunda eu fiz um pouco por fazer, mas não me arrependo: uma rosa. Como já tinha feito duas que não tinham muito sentido, pensei que a terceira deveria ter um sentido muito concreto. É importante significar, é uma marca no seu corpo, é um carimbo (Inf. 7).

Se é importante significar, qual seria este sentido? Apenas fazer pelo prazer de fazer? Esta última fala traduz um interessante paradoxo: embora diga que é importante levar a sério, pensar no desenho com calma, a informante acabou se

tatuando com um desenho que representa pouca significação pessoal. Começamos a perceber que, para a pessoa tatuada, a tatuagem deve sempre significar algo. Não é uma prática impensada. Sua escolha demanda tempo, pois a impressão do desenho na pele será algo definitivo. Seja para fazer muitas ou poucas tatuagens:

Tecnicamente eu tenho tudo guardado na minha cabeça, tudo que vou fazer. A maioria vem dos meus gostos pessoais: quase todos têm uma história. Sou desenhista, então um braço é só com artistas que gosto, que influenciaram meu trabalho. E outras coisas que gosto, que admiro: uma perna com rostos de atores de filmes e a outra com desenhos de grafite de artistas que gosto. Estipulei tudo que vou tatuar, escolhendo a dedo durante anos. Já sei todos os desenhos e cada lugar que cada um vai ficar. São 100 desenhos mais ou menos, tudo escolhido e pronto (Inf. 6).

Uma das minhas prioridades era fazer um desenho que ninguém tivesse. Busquei referências, para saber que traço gostava, que estilo de tatuagem eu gostava. Depois de escolher muito, meses e meses, fiz minha primeira tatuagem. Gostei. E um ano depois fiz a segunda. Os dois desenhos foram criados por um ilustrador amigo meu (Inf. 5).

Significar para a própria pessoa, eis a primeira forma de compreensão dos motivos para a prática da tatuagem:

Tatuo o meu projeto de vida e as influências que tive. Até minha tatuagem de bombinha de asma no pescoço – minha sina, a droga que não me larga desde criança. Eu fiz como brincadeira pois desde criança tenho muita alergia, bronquite, asma. Tatuei no pescoço porque é a região da respiração, onde entra o ar. Fiz ela batendo asas e com um rótulo de caveira porque é um veneno que um dia eu espero que bata asas e suma da minha vida (Inf. 6).

Neste caso a tatuagem trouxe uma forma de “exorcismo”. Fazer uma “bombinha” de asma batendo asas traduziu, simbolicamente, a vontade do informante de não necessitar mais do remédio:

Minha mãe disse que esta tatuagem era devoção ao meu remédio, que eu trazia idolatria. Ao contrário, eu quero é espantá-lo da minha vida. Como fosse exorcizá-lo. O dia que essa droga for realmente embora vou escrever: ‘ufa!’ (Inf. 6).

Outras pessoas também procuram marcar momentos da vida, talvez não de uma forma tão explícita:

Minha primeira *tattoo* é da banda Biohazard. Não sei porque fiz, nem gostava tanto. Gostava mais do nome e da atitude deles. Aliás, gostava de uma música que

não era deles, era do Bad Religion mas me identifiquei com a atitude. Na época não tinha muito conhecimento, mas foi uma opção legal. Calhou de ser (Inf. 2).

Porém nem todos pensam desta forma:

O que me interessa na tatuagem é o impulso. As minhas tatuagens foram assim. Eu vi os desenhos e quis tatuar na hora. Não fiz muita pesquisa, olhei para um desenho e consegui fazer no dia seguinte. A outra eu vi um desenho num livro, consegui 'xerocar' e dois dias depois eu fiz (Inf. 1).

De certa forma, significar algo para si mesmo é importante para os informantes, principalmente pelo fato da tatuagem ser definitiva:

Existem pessoas que marcam momentos da vida com a tatuagem. Acho meio loucura, mas existe. Loucura porque há um arrependimento se você tatua o nome de uma namorada e depois casa com outra, como aconteceu com um amigo meu. O fato é a tatuagem ser uma coisa definitiva (Inf. 5).

A tatuagem tem o mito de doer e de ser para sempre. As pessoas têm medo de se comprometer com essa coisa do 'para sempre'. Se a tatuagem não fosse para sempre teria muito mais gente tatuada. Muita gente gosta mas não faz, porque é 'para sempre'. Eles têm medo do arrependimento, medo do futuro. Medo do que pode acontecer, da cabeça mudar muito. E depende de como cada um trabalha seu passado (Inf. 4).

As pessoas devem ter critério na hora de fazer uma tatuagem, não é uma brincadeira. Não é uma pulseira que você vai colocar e amanhã vai enjoar. É uma coisa para ficar, você vai carregar, não é fácil de tirar. Nem todas podem ser tiradas (Inf. 5).

Se não é “uma brincadeira”, o que seria uma tatuagem? “Tatuagem é conversão de várias idéias, sentimentos, em um desenho. Não precisa ter uma história pra contar, mas sempre tem um motivo. Tudo que tatuei tem um motivo” (Inf. 6). Outro informante pensa da mesma forma quando define a tatuagem: “É como um quebra-cabeça, a tatuagem é uma peça que faltava no corpo” (Inf. 2). E não é diferente com uma terceira resposta:

A tatuagem é um marco de épocas que vivi, um rito de passagem das minhas histórias. É uma opção individualista. Não faço para dar exemplo visual ou ser um ícone estético para as outras pessoas (Inf. 4).

Como opção individualista e permanente, a tatuagem se torna algo que nem sempre é revelado para os outros:

É uma expressão no corpo, colocar uma identidade, um significado da vida. Uma forma diferente de você se expressar. Tenho uma ave tatuada, isso é liberdade para mim. Pensei no ‘para sempre’. Fiz num local pouco chamativo, no final das costas. Não era para o outro, era para mim. Não queria mostrar para ninguém que eu tinha. A maioria das pessoas não sabe que tenho, só quando perguntam eu digo que tenho (Inf. 10).

Não tive preocupação de fazer num lugar onde as pessoas não vissem. Queria um local onde eu pudesse ver facilmente. Fiz a tatuagem para mim. Não quis nas costas, não fiz para as outras pessoas olharem e acharem bonita. Por isso fiz uma em cada braço. Não acho importante que as pessoas entendam as minhas tatuagens. Nunca me abordaram na rua para perguntar, pois minhas tatuagens são pequenas e não chamam atenção. Apenas as pessoas do meu convívio me perguntam para saber o que significa. Alguns gostam, outros não (Inf. 5).

Todas as minhas tatuagens são em lugares estratégicos. Se eu não quiser mostrar uso uma camiseta, uma calça e ninguém vê. Em determinados locais em que estou isso pode chocar as pessoas. Tem gente que acha que tatuagem é deformar o corpo, mas nunca tive problema com as pessoas. Vivo num meio que é segmentado, com pessoas que estão acostumadas. Larguei esse lado família, sociedade e não tenho mais essa coisa de chocar. Quem fica mais chocado é a família e 90% dos meus amigos não mora com os pais. Eu quase não vejo minha família, não tenho convívio com esse ‘mundo careta’ (Inf. 2).

Seja imageticamente ou pelo significado, muitos não se tatuam para que os outros entendam os desenhos. Principalmente aquelas pessoas que são muito tatuadas:

Eu faço para mim, não me importo muito com os outros, senão nem teria me tatuado tanto. Sei que é uma coisa diferente da maioria das pessoas, sei que vou passar na rua e as pessoas vão olhar, vão achar diferente. Se eu ficar bravo com isso deveria então andar de manga comprida na rua. Se você encara ser diferente dos outros, você tem que saber os prós e os contras da situação. Tem que saber que você é único entre muitos, tem que saber tirar isso de letra. Se alguém só critica você não pode ligar. Cheguei a um ponto em que as pessoas estão olhando para mim na rua e eu esqueço porque elas estão fazendo isso. Se falo “para de olhar para mim” alguém diz “você é todo tatuado e não quer que o cara te olhe?”. A tatuagem faz tanto parte de você que você não se vê tão diferente dos outros. Eu não ligo, no dia que resolvi ser diferente eu sabia que ia ter gente que não ia entender isso. Então tem mais que baixar a cabeça. Se gostou, gostou. Se não gostou, paciência (Inf. 6).

As que tenho são só para mim. A maioria não entende ou acha feio. Ainda mais porque sou mulher. Mulher sofre mais discriminação do que homem. Nossa sociedade ainda é muito patriarcal. Não sei quantos namorados posso conseguir tendo o braço fechado de tatuagem. Com certeza seria um número maior, se eu não tivesse a tatuagem. Os homens foram criados pelas famílias patriarcais, que pensavam que mulher boa não fazia tatuagem (Inf. 4).

Expressão da individualidade, como fenômeno social a tatuagem não deixa de aparecer para os outros. Quem se tatua significa algo para si, mas também acaba demonstrando um sentido para os demais. Sentido que pode ser dado pelo ritual de se tatuar, pelo local do corpo em que o desenho está ou pelo próprio desenho tatuado.

Para a maioria das pessoas, traduzir o ato de se tatuar em ritual não é uma forma comum de entendimento desta prática. Ao fazer uma tatuagem, a máquina fura a epiderme com agulhas. Este ato provoca dor e é esta sensação que investigamos nas entrevistas com alguns informantes:

Minha primeira, na costela, doeu muito. Depois de um ano e meio que fui fazer a segunda. Não vou dizer que não dói, porque dói muito: é como se você caísse na areia e fosse ralando a pele por uns dois metros. É como um machucado, dói. Até superar esse trauma da dor eu deixo passar um tempo, e depois faço outra tatuagem. Para quem gosta de tatuagem a dor é um mal necessário. A partir do momento que você faz uma, não consegue deixar de fazer outra (Inf. 2).

A dor faz parte do processo. Não que eu goste, mas é superar limites, é legal. Não acho ruim. Um cliente já me falou de sua tatuagem de 20 anos atrás doeu menos do que a que eu fazia nele agora. As pessoas exageram, dizem que dói muito mais do que realmente doeu. Se a pessoa realmente se lembrasse da dor de 20 anos atrás não faria outra tatuagem hoje em dia (Inf. 9).

Como tudo na vida, quando você tem muita vontade de fazer você esquece da dor. Sentir dor não é necessário, mas faz parte. No momento em que eu estava, não quis sentir dor nenhuma. Estava tão machucada por dentro que as agulhadas não doeram (Inf. 7).

Acho que não é necessário sentir dor. É muito mais uma questão estética de querer marcar o corpo com um símbolo que tenha relação com você: um “xodozinho”. Algumas pessoas até entendem como um processo de libertação, de passagem, um ritual. No meu caso não representou nada, não foi num momento específico ou especial da minha vida (Inf. 5).

O ato de tatuar não é encarado como um ritual por todas as pessoas, mas o fato de sentir dor é atribuído por muitas como sendo necessário:

A dor é um dos passos para você conviver com a tatuagem o resto da vida. É um preço que se paga. ‘*No pain, no gain*’.<sup>30</sup> Tatuar o corpo inteiro dói. Não acho nada demais tatuar o corpo inteiro, só penso que aquilo doeu muito. Acho bonito. Vejo que foi uma coisa pensada, como os japoneses que fazer um desenho enorme, fechando o corpo todo. Não acredito em tatuagem com anestesia, não tem graça. Tatuagem com dor é uma coisa muito antiga, que tem que ser mantida. É um rito: dói e sempre vai ter que doer. Eu não gosto da dor, mas tem que passar por isso, fazer o quê? (Inf. 6).

Para os muito tatuados, a dor se torna fundamental para marcar não só o desenho na pele, mas o momento na memória, como uma espécie de rito de passagem: “É uma delícia parar e recordar as épocas em que fiz minhas tatuagens. Maior parte dessa coisa de recordar é por causa da dor. A dor da tatuagem ajuda a memorizar o que ela é” (Inf. 4). A dor é um componente da tatuagem e uma forma de imprimir sentido para algumas pessoas, do mesmo modo que o local onde a colocamos no corpo:

Depende do credo da pessoa. Se ela não tem restrição religiosa, ela vai tatuar. Alguns lugares doem mais do que outros, se ele for resistente à dor pode tatuar onde quiser. Inclusive no rosto, acredito que sim. Vi pela internet bastante coisa esquisita. Na rua você vê mulheres com tatuagem na sobancelha, maquiagem definitiva. Eu não faria no rosto mas hoje em dia a gente é atingido por tanta informação, que não acha mais nada esquisito. O fato é esse. Enquanto a pessoa esta satisfeita, eu acho natural (Inf. 5).

Não tatuo no braço porque muita gente tem, não quero ficar igual. As pessoas parecem que foram feitas em formas. É uma forma de ser diferente não tatuar no braço. Tenho uma nas costas, na costela e duas nas batatas da perna. No pé não é proibido fazer, mas é um lugar que não segura a tinta. A pele é muito fina e dói muito, mas a tatuagem não dura. É como a palma da mão (Inf. 2).

Não tatuo na palma da mão, porque com o tempo sai. Rosto, porque eu não senti firmeza num cara que me pediu. Quem sou eu para julgar? Mas eu não senti firmeza pelo desenho que ele queria fazer no rosto. Genital masculino não fica bom. Não é por nada não, mas eu prefiro não fazer, não fica bom. Sola do pé também. E mão eu só faço quando for desenho grande. Se for desenho espaçado, como ‘florzinha’ no dedo a gente também não faz porque com o tempo espalha muito e vira um borrão. Tem muitos tatuadores que nem querem saber disso, nem procuram saber... São poucos os que sabem o lugar que vai durar, o que não vai durar (Inf. 3).

---

<sup>30</sup> Expressão da língua inglesa que pode ser traduzida livremente como “sem esforço, sem ganho” mas que, literalmente trata da palavra *pain* (dor). Uma interessante citação feita pelo informante já que seu discurso era sobre este mesmo assunto.

A limitação do lugar acontece por razões técnicas, conforme nosso segundo informante explicou: partes do corpo com a pele fina não absorvem corretamente os pigmentos da tatuagem. Porém, a questão não fica apenas na absorção da tinta pela pele:

As pessoas têm uma reação quando você tem tatuagem até o cotovelo e outra reação quando você tem até o pulso. Quando chega nas mãos a reação já é outra e o rosto... Tatuado rosto é um 'carma' para o tatuador. Fazer no rosto de alguém que pode não ter pensado tanto nisso... muda a vida dele para sempre, mesmo (Inf. 9).

Se pudéssemos escolher um *tabu* para a tatuagem na nossa sociedade, dentre os muitos que devem existir, este seria realizar desenhos no rosto. Quando questionados sobre se qualquer local do corpo poderia ser tatuado, praticamente todos os informantes respondiam que sim. Porém, quando o rosto era citado algumas atitudes e opiniões mudavam:

Quem tatua no braço, em qualquer parte do braço, quer ser visto. Quer que a tatuagem seja vista. Quem tatua no púbis, no peito quer uma coisa para o parceiro, mais íntima. No pé, na perna, tem lugares muito discretos. Qualquer lugar pode se tatuar, mas no rosto não. De jeito nenhum. No rosto eu faria um lápis de olho definitivo, maquiagem definitiva. Mas tatuagem no rosto não, o rosto é sua vitrine. O corpo também, mas o rosto mais ainda. Não vou mexer com o que é meu. No braço não tem problema, o que interessa mesmo é mostrar. No rosto não (Inf. 7).

Não tem lugar proibido, tem louco para tudo. Mas o rosto, acho que é demais. É deformar o rosto. Eu não faria. É uma mudança radical, tem que ter o psicológico muito bem trabalhado. E também é não ligar para o mundo (Inf. 2).

Até quem possui muitas tatuagens traduz o significado de *sagrado* do rosto:

Deve incomodar. Ou o cara tem uma cabeça muito boa para olhar sempre no espelho e não se incomodar. Uma hora se arrepende. Não é possível tatuar o rosto e falar que o cara vai conviver o resto da vida olhando para aquilo, achando normal. Uma hora, quando estiver sozinho, ele vai se tocar: 'fiz uma m...', não é possível que ele faça uma loucura dessas e conviva tão bem para sempre. De vez em quando deve bater uma vontade de lavar o rosto e perceber que está tudo tatuado. O rosto é uma coisa sagrada, é a sua identidade: não dá para mexer. O corpo é só uma vestimenta. Li uma frase uma vez que dizia que o corpo é um templo, e todo templo deve ser decorado, enfeitado. É assim que vejo: a tatuagem embeleza o corpo, como a bata de um Rei. O corpo deve ser enfeitado, mas com um certo limite. É até complicado falar isso, pois tenho o corpo inteiro tatuado. Mas o rosto é a sua identidade total. Eu não mexeria, meu limite é rosto (Inf. 6).

Enquanto isso, o restante do corpo permanece como algo que pode ser modificado: “O corpo é para moldar, deve ser mexido da forma que achamos mais bonito. Acho ruim alguém dizer que não posso fazer isso. Gosto de emagrecer, engordar, mudar o cabelo, fazer uma tatuagem... modificar” (Inf. 4).

Mas as reações que as pessoas demonstram ao ver alguém muito tatuado – ou seja, com o corpo modificado – variam de acordo com a quantidade e local de tatuagens do usuário: “Tem todos os lados. Alguns olham e encaram como algo horrível, pensando que vou morrer arrependido. Outros, apesar de não gostarem ou não entenderem, acham bonito” (Inf. 6). A relação com as outras pessoas – os não-tatuados – acontece de forma ambígua:

Vivemos uma repressão estética. Isso existe lá fora e existe de uma forma mais peculiar no Brasil. O Brasil é o lugar onde fazem o maior número de cirurgias plásticas. Esse culto ao corpo e à estética existem. A estética da massa é não ter tatuagem. É ter um corpo liso, ser morena, bronzeada, ‘natural’, ter formas. Nossa sociedade é cristã ou evangélica em sua maioria e essas religiões não compreendem bem alguém que tem o corpo tatuado. Aliás, em quase todas as religiões isso não é bem visto. Por causa dessas influências a sociedade não aceita (Inf. 4).

As pessoas me questionam: ‘porque você faz isso com seu corpo?’. Se você diz que é puramente por estética as pessoas acham um horror. É um processo de dor, de marcar o corpo para sempre e as pessoas têm medo. Uma mulher que não tem estabilidade financeira, que não é casada, e pensa em gastar dinheiro para sentir dor e marcar sua pele para sempre é questionada o tempo todo pois a pele bonita é a pele ‘pura’, lisa, sem nada. Quando você faz uma tatuagem, pensa nessas pessoas que vão te questionar. Tem que ter muita educação e coragem pois ninguém tem a obrigação de saber, de entender. É isso acontece num centro cosmopolita como São Paulo ou Rio de Janeiro. No interior, as pessoas menos instruídas até podem aceitar mais, já que é algo bem diferente. Uma pessoa que nunca viu não tem com o quê comparar. Quem já conhece pode comparar com algo marginal, de marinha, de prostituta, como faziam antigamente. É triste as pessoas não buscarem entender porque os outros fazem tatuagem (Inf. 4).

É uma relação ambígua: tem gente que gosta ou não gosta. Gente que não conversa com você, não te atende na loja. Acha que ter tatuagem é sinônimo de desempregado, não ter dinheiro. Então para quê vão te atender bem numa loja? Normalmente é o contrário. Quem tem muita tatuagem trabalha, tem estabilidade no que faz. Por isso tem um monte de *tattoo*. Não me incomoda se as pessoas olharem minhas tatuagens na rua. Mas se falarem, comentarem, reclamarem eu não gosto. Não faço isso com elas, acho falta de educação. Tem gente que esconde o tempo todo, não gosta de mostrar na rua as tatuagens (Inf. 9).

Antes se você tinha um monte de tatuagem e as pessoas ficavam assustadas. Hoje te perguntam, querem passar a mão. Aceitam tanto que até enche o saco. Toda hora perguntam alguma coisa. Era tão bom quando tinham medo, pelo menos não ficavam me perguntando (Inf. 9).

Pelo fato de ainda não ser amplamente aceita pela nossa sociedade, será que as pessoas escondem suas tatuagens dos outros?

Tenho outras duas tatuagens que ninguém vê. Essa da Suzi<sup>31</sup> todo mundo vê. Hoje em dia, como não trabalho em um lugar que existe uma proibição, eu gosto. Tem pessoas que apreciam, mas tem pessoas que também não gostam. Mas eu gosto que vejam, sinto orgulho dela. É uma forma de mostrar o orgulho que tenho de mim. Fiz minha tatuagem inspirada em mim e tenho orgulho dela. Acho que tem gente que faz só para os outros, mas depende da pessoa e da tatuagem. Uns para chamar atenção, outros porque gostam, curtem. Mas tem gente que faz simplesmente porque está na moda. Faz aquela coisa pequenininha, discreta, que com o tempo até esquece. O anel às vezes cobre. Vi uma menina com um peixe no dedo, que o anel cobria. É visível que ela não queria fazer, fez num momento que era moda e achou legal fazer (Inf. 7).

Na realidade não importa se a tatuagem foi feita para você mesmo ou para outra pessoa: “Fazemos tatuagens públicas, de coisas públicas, de histórias públicas. Tatuagens que outras pessoas já tem, de tribos que já existem. Mas, bem ou mal, é uma coisa sua. A tatuagem individualiza. É paradoxal” (Inf. 4).

Se está em um local aparente ou então é mostrada, da mesma forma que o consumo, a tatuagem irá classificar:

Determinados grupos de jovens têm determinados estilos de tatuagem. Uma tatuagem tribal com uma parcela de pessoas utilizando aquilo, num lugar mais *fashion* tem outro tipo de tatuagem que predomina. Assim como a marca Adidas, como a marca Nike, os estilos de tatuagens definem certos comportamentos de turmas, de tribos (Inf. 5).

Na época *hippie* tinha moda de tatuar beija-flor, cavalo alado, etc. Depois teve a moda de tatuar caveira. Hoje em dia as pessoas tatuam o que tem vontade, procuram exclusividade, querem tatuar algo diferente. É o meu caso, tenho três tatuagens que só eu tenho, são exclusivas. Eu procurei trabalhar isso, chegar num lugar e não ter ninguém igual a mim, assim como não quero ninguém com uma roupa igual à minha. Se outra pessoa fizer uma tatuagem que eu tenha, vou ficar muito ‘bolado’. Sempre busquei me diferenciar, sempre quis exclusividade nas coisas. É uma forma de ser diferente também com a personalidade. Não comprava roupa em loja, mas com pessoas que fabricavam. Mas exigia que aquelas peças deveriam ser únicas, é uma forma de diferenciar mesmo (Inf. 2).

E assim como compramos roupas em lojas, as tatuagens são compradas em locais próprios. Não como produtos acabados, mas como um trabalho que será

---

<sup>31</sup> No próximo capítulo iremos abordar detalhadamente o caso desta tatuagem.

realizado por um profissional. Vejamos como alguns consumidores entendem esta relação de consumo entre tatuador e tatuado:

Tatuador é como a relação empresa / cliente. É um serviço. É importante o tatuador falar ‘você não quer fazer outro dia?’ caso a pessoa esteja insegura sobre o que vai fazer. Todos que eu fiz tiveram esse profissionalismo. Tem tatuadores que fazem simplesmente o que o cliente manda. Eu acho que não. O tatuador tem que opinar sim. Ele é o profissional e você é o cliente, você tem que ouvir a opinião dele. Eu ouvi e gostei muito (Inf. 7).

Do ponto de vista do consumidor, o tatuador não deixa de ser um prestador de serviço. Você vai para fazer alguma coisa que você quer. Assim como a mulher vai fazer as unhas, a pessoa entra no estúdio para fazer uma tatuagem. Você vai esperando alguma coisa de um artista e espera que ele faça um trabalho muito bem feito (Inf. 5).

Estes mesmos consumidores tatuados entendem que um tatuador também encara seu trabalho como uma forma de expressão artística:

Não conheço muitos estúdios, mas do ponto de vista do tatuador ele é um artista, um ilustrador. Ele encara o seu trabalho como arte. Não trabalha num horário comercial, de 9 às 18 horas. Faz seu horário de acordo com a clientela e o agendamento das tatuagens. Todas são pré-marcadas, você tem que dar sinal – é uma coisa absolutamente comercial num trabalho onde uma pessoa está vendendo a capacidade artística de desempenhar um excelente trabalho (Inf. 5).

Tatuador é um artista. As pessoas têm mais noção disso hoje em dia. Quando minha foto saiu no jornal muitos perguntaram quem tinha feito. Com certeza ele recebeu muito cliente lá, indicado por mim (Inf. 7).

E o próprio tatuador traduz esta relação de consumo como sendo um misto de arte e negócio:

Hoje em dia abriu muito, como uma profissão. Minha mulher diz que no futuro vai ser como cabeleireiro: você anda na rua e tem *tattoo* de 10, 20, 50, 100 Reais e por aí vai. Já é um pouco assim. Não acho isso uma coisa boa. A tatuagem é diferente, é uma coisa especial. Não é tão especial como parece porque muita gente faz, não seria algo impossível de se fazer, é técnica. Mas é *tattoo*, um lance que fica para sempre. Que você deve saber explicar para os outros porque dói, porque não dói, porque determinado desenho fica bom ou não. Tem bastante gente no mercado e muitos não se preocupam com isso. Se preocupam em vender. Ao mesmo tempo não é um produto. Pois o cara que vende várias tatuagens iguais pode achar que, por causa disso, é artista. Os caras que realmente são, criam desenhos exclusivos, não se consideram artistas. Eu pelo menos não sou assim. Não chamo de estúdio de tatuagem. É loja porque estou na rua, porta aberta o tempo todo, estou vendendo. Não importa se vendo *tattoo*, minha arte, etc. É compra e venda (Inf. 9).

Fazer uma tatuagem é – na atualidade – realizar uma operação de consumo de um serviço artístico. As pessoas pagam para que o tatuador realize um trabalho em suas peles, mas um trabalho que não é movido apenas pelo dinheiro. Alguns concordam que o profissional pode recusar trabalhos, outros não:

Não tem problema o tatuador opinar sobre sua idéia. Ele pode dizer, alertar o que você pode ou não pode fazer. Tem gente que chega pra tatuar só por fazer mesmo. Ter tatuagem é ser moderno, então todo mundo quer fazer alguma coisa. O tatuador tem que saber pesquisar sobre material e sobre desenho. Não adianta só tatuar, ele é um artista e tem que trabalhar com pesquisa. Se o tatuador errar você pode optar por não pagar, mas ele também pode optar por não fazer. Não tem contrato, ninguém assina nada. Ele pode recusar mesmo você pagando. Ninguém é obrigado a vender algo que está exposto numa loja, por exemplo. Se ele não quiser tatuar em algum lugar estranho, pode cobrar mais caro ou recusar fazer (Inf. 2).

Depende do estúdio, mas acredito que se a pessoa chega e encomenda o serviço, ele vai tatuar onde a pessoa pedir. No meu caso, não enfrentei nenhum tipo de resistência por parte do tatuador pois fiz as minhas no braço – um lugar comum. Não sei se chega uma pessoa ali resolvendo fazer uma tatuagem no nariz e ele fale alguma coisa. Acredito que não, do jeito que a coisa está hoje em dia – todo mundo tatuando tudo, qualquer parte do corpo – ele vai tatuar. A não ser que o desenho não seja compatível com o local (Inf. 5).

Tem dois tipos de cliente. O que não quer ouvir um ‘não’, faz tatuagem porque todo mundo também tem tatuagem. Se fosse há 15 anos ele não iria entrar no estúdio. É uma necessidade para ele porque a mídia mostra que é uma necessidade, já que todo mundo tem. E tem o cliente educado, que ouve nossa opinião, reconhece que o tatuador pode ajudar. As pessoas esquecem esta questão. Se eu faço tatuagem, pelo menos deveria saber o que dá certo, ou não. Não faço desenhos racistas, dá para saber pela pessoa de que ‘tribo’ ela é. Peço um preço muito alto para dar prejuízo para o cara. Tatuagem tem isso. Se você é chato com o tatuador e quiser se tatuar com ele, vai pagar mais caro. Eu dou o preço para você, pode ser ‘x’ se for legal ou ‘2x’ se não for. Depende da sua cara, da relação que você faz com o tatuador (Inf. 9).

De qualquer forma a relação entre cliente e profissional não é estritamente comercial: “É fundamental escolher um bom profissional tatuador que também seja uma boa pessoa, uma pessoa legal. Muitos profissionais quiseram me tatuar e eu não quis, porque não eram pessoas legais. Eu prezo muito isso” (Inf. 4).

Vimos neste capítulo que a história não pode explicar tudo, da mesma forma que os discursos dos informantes também não podem representar todas as respostas possíveis. Ambos levantaram questionamentos e algumas sugestões de resposta sobre a importância da tatuagem na contemporaneidade. Percebemos a tatuagem como uma forma de comunicação da subjetividade e da própria

coletividade. Tatuagem é o resultado da inserção de pigmentos na pele, mas também é significação e socialização. Tatuagem é um produto, uma arte, uma forma de viver e também de se ganhar a vida. Pessoas se tatuam por motivos individuais mas também precisam mostrar suas tatuagens aos outros, de forma a estabelecer algum sentido aos seus atos.

Mais do que o desenho da tatuagem, o que procuramos compreender foi o ato de se tatuar e todo o conjunto de relações sociais que isto promove. A tatuagem é socializante e classificadora. Assim como o consumo também é. Mas o que acontece quando unimos os dois? Como a mídia de massa (publicidade) traduz as relações sociais da tatuagem? É possível tatuar marcas de produtos? Como a sociedade lê esta prática? Pela necessidade de significação, o corpo comunica o consumo ou o consumo comunica o corpo? Estas são algumas questões a serem discutidas no próximo capítulo desta dissertação.